

## **LETRAMENTO RACIAL NA FORMAÇÃO DOCENTE: A MEDIAÇÃO DAS HIPÓTESES DE ESCRITA A PARTIR DE DANDARA E ZUMBI NO PIBID**

Marcelo Macedo<sup>1</sup>; Venythyais Costa<sup>2</sup>; Tânia Serra<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Graduando do Curso de Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil, macedo.filho@aluno.uece.br

<sup>2</sup>Professora e Especialista em Alfabetização de Crianças e Multiletramentos (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil, venythyais.costa@educacao.fortaleza.ce.gov.br

<sup>3</sup>Professora Doutora da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil, tania.azul@uece.br

### **RESUMO**

Este trabalho apresenta uma experiência de mediação pedagógica, centrada no letramento racial desenvolvida nos Anos Iniciais do ensino fundamental. Esta pesquisa foi realizada por um bolsista vinculado ao Núcleo de Alfabetização da Universidade Estadual do Ceará (UECE) do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). As mediações foram desenvolvidas em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental de uma instituição pública de ensino localizada no Distrito de Educação III de Fortaleza, Ceará. Esta escrita tem como abordagem pesquisa de observação participante, com o objetivo de mediar as hipóteses de escrita das crianças a partir de palavras-chave da história (como “liberdade”, “dandara”, “negros” e “paz”). Por meio do teste de palavras, as crianças foram convidadas a escrever os termos espontaneamente, onde foi possível ter reflexões das hipóteses de escrita (pré-silábicas, silábico, silábico-alfabéticas e alfabéticas), em um contexto significativo e culturalmente referenciado. Para análise e o relato crítico-reflexivo sobre as práticas de alfabetização a partir do letramento racial, recorri a estudiosos como hooks (2020), Soares (2020), Nono (2011), Freire (1996). Os resultados que observei apontam que a abordagem foi altamente motivadora para as crianças e profundamente formativa para mim, enquanto futuro professor. A experiência evidenciou, na prática, o potencial do PIBID como um espaço de reflexão sobre a ação docente. Em suma, defendo a importância de articular, desde os anos iniciais da escolarização, os processos de alfabetização com a discussão étnico-racial.

**Palavras-Chave:** PIBID. Letramento Racial. Hipóteses de Escrita

### **INTRODUÇÃO**

Esta pesquisa tem como objetivo evidenciar as contribuições do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), especificamente do núcleo de Alfabetização da Universidade Estadual do Ceará (UECE), para a construção da identidade docente. A experiência fundamentou-se na articulação entre a teoria das hipóteses de escrita e a perspectiva do letramento racial no processo de alfabetização, relacionando a teoria presente na universidade e a prática, como bolsista do programa dentro de uma escola municipal de Fortaleza em uma

turma do 1º ano do Ensino Fundamental no qual, duas vezes por semana, ficam entre três a quatro bolsistas por dia na sala de aula, totalizando oito por escola.

O Ministério da Educação (MEC) estabeleceu metas progressivas para os entes federados, com o objetivo de alcançar 64% das crianças alfabetizadas na idade certa até 2025 e chegar a 80% até 2030. No entanto, a análise dos indicadores oficiais revela que o percentual de crianças negras alfabetizadas na idade certa é inferior ao de crianças brancas. Essa diferença de desempenho demonstra que as metas do MEC só serão plenamente atingidas se a prática docente considerar as especificidades desses alunos. Diante desse cenário de exigências estabelecidas pelas políticas públicas nacionais como o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada (MEC) e amparado pelos avanços teóricos sobre o Sistema de Escrita Alfabética (MORAIS, 2012), torna-se urgente compreender como esses processos podem ser praticados. No âmbito do PIBID/UECE, essa reflexão é exercida pelo docente em formação, que assume o papel de mediador crítico, articulando as metas oficiais à realidade social e identitária dos alunos. É nesse contexto que este artigo se insere, buscando compartilhar minhas reflexões enquanto bolsista do PIBID, a partir da mediação das hipóteses de escrita em uma turma dos anos iniciais.

Ao analisar e intervir nas produções escritas das crianças, pude não apenas observar seus percursos de aprendizagem, mas também refletir sobre minha própria formação docente. O PIBID revelou-se, assim, um espaço essencial para experienciar, na prática, os desafios e as possibilidades da alfabetização, algo que contribuirá para minha atuação futura como professor alfabetizador, comprometido tanto com a qualidade do ensino da escrita quanto com uma educação contextualizada e humanizadora.

O trabalho contará também com um levantamento bibliográfico de autores como hooks (2020), Soares (2020), Nono (2011), Freire (1996). Esses e outros autores contribuem com reflexões que atravessam diferentes frentes do campo educacional. Se, por um lado, autoras como Isabel Solé, Magda Soares e Amabel Nono se dedicam a compreender as especificidades da alfabetização e do desenvolvimento profissional com Nono aprofundando os desafios e as aprendizagens próprias dos professores iniciantes, por outro, é bell hooks quem oferece uma contribuição fundamental à perspectiva da educação antirracista.

Por meio da articulação entre teoria e prática, busquei trazer o letramento racial por meio da contação do livro *dandara e zumbi* ao lado da escrita espontânea como forma de compreender os níveis diferentes de escrita no processo de alfabetização, assim também o fortalecimento da

identidade das crianças, sendo a maioria da turma composta por crianças negras. A proposta se alinha ao que estabelece a Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, reforçando a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem a diversidade racial. Dessa forma, o estudo pretende destacar a importância do PIBID na minha formação como futuro professor trazendo o entendimento que tive a partir das hipóteses de escrita.

As crianças aprendem alfabetização ao longo do seu processo de desenvolvimento linguístico e desenvolvimento cognitivo, segundo Soares (2021) para alfabetizar a criança precisa ter um pouco a facilidade da nossa linguagem oral e percepção dos fonemas. Nesses desenvolvimentos na aprendizagem do sistema alfabético temos a garatuja, escrita com letras; silábico sem valor sonoro; silábico com valor sonoro; silábico alfabético; alfabético e ortográfico.

A compreensão das propriedades do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), conforme postula Moraes (2012), é o passo inicial para que o alfabetizador entenda o objeto de conhecimento que a criança precisa reconstruir. No PIBID/UECE, essa fundamentação permitiu que a mediação pedagógica utilizasse as hipóteses de escrita não como um fim em si mesmas, mas como ferramentas de diagnóstico para acompanhar o processo evolutivo da criança enquanto ela desvenda as regras de funcionamento desse sistema notacional.

A experiência relatada é fruto de uma imersão contínua iniciada no primeiro semestre de 2025, por meio da inserção de bolsistas de Pedagogia do PIBID/UECE em uma escola municipal de Fortaleza. Embora o letramento racial tenha sido trabalhado como um eixo transversal ao longo de todo o ano letivo, este trabalho detém-se na análise da intervenção intitulada 'Mediação das Hipóteses de Escrita a partir de Dandara e Zumbi', realizada em dezembro de 2025 com uma turma de 1º ano.

Nesta atividade, a reflexão sobre o Sistema de Escrita Alfabética (SEA), conforme proposto por Moraes (2012), foi articulada à valorização de figuras históricas da resistência negra. A utilização dos nomes e da história de Dandara e Zumbi não apenas serviu como base para diagnosticar as hipóteses de escrita dos alunos, mas também como uma estratégia pedagógica para promover a equidade e a representatividade, colaborando para o alcance das metas de alfabetização na idade certa propostas pelo Ministério da Educação (MEC).

## **METODOLOGIA**

A metodologia escolhida foi a pesquisa de observação participante, junto a uma análise qualitativa, levando em consideração que o segundo é guiado pelo primeiro, entendendo que “o verbo principal da análise qualitativa é compreender”. Compreender é exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro, tendo em vista que, como seres humanos, temos condições de exercitar esse entendimento” (MINAYO, 2012), pois precisamos levar em consideração o locus e os sujeitos da pesquisa, ou seja, o ambiente escolar e os alunos, que possuem particularidades e exigem um olhar sensível e atento para as singularidades e subjetividade de ambos. O procedimento da pesquisa foi uma observação participante, onde toda semana os bolsistas fazem um diário de campo sobre as reações, fala, interações e desenvolvimento das crianças não apenas observando a sala de aula e sim tendo um olhar atento a cada aluno e estando próximo a cada um e ajudando cada um com suas necessidades, onde nosso planejamento sempre está em parceria com tudo que trabalhamos diariamente com as crianças.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os indicadores da Criança Alfabetizada preveem, todos os anos, metas anuais para que se alcance um resultado referente ao número de crianças alfabetizadas na idade certa (até o final do 2º ano). Nesse contexto, o PIBID, por meio do núcleo de alfabetização, ajuda a mim e aos demais bolsistas como ferramenta fundamental para a construção da formação docente. Assim, as escolas, como espaço alfabetizador, receberão esse conhecimento construído.

Com base nessa perspectiva, esta seção de 'Resultados e Discussão' apresenta uma análise crítica de como o Letramento Racial, por meio da contação de histórias de Dandara e Zumbi, potencializou a mediação das hipóteses de escrita, permitindo que os alunos refletissem sobre as propriedades do sistema notacional a partir de referências de identidade. A partir do teste de palavras que realizei com as crianças, pude observar em quais hipóteses de escrita cada uma se encontrava. Algumas ainda escreviam de forma pré-silábica, sem estabelecer correspondência entre a fala e a escrita; outras já silábicas, e algumas apresentavam já uma escrita silábica-alfabética ou alfabética.

A partir do teste de palavras que realizei com as crianças, pude observar em quais hipóteses de escrita cada uma se encontrava. Essa avaliação não serviu apenas para classificar, mas para me fazer enxergar o que cada criança já sabia, o que precisava avançar e pensar em atividades futuras. O teste me mostrou, na prática, o quanto a alfabetização exige escuta e observação atentas. Com o auxílio da minha supervisora alfabetizadora, pude enxergar pontos importantes no processo de escrita das crianças e é assim que, como professor em formação, venho aprendendo muito.

A mediação foi realizada nos Anos Iniciais (1º ano), a regência contou, em média, com 15 crianças, com idades entre 5 e 6 anos. A mediação foi organizada em dois momentos: a contação de história do livro literário “Dandara e Zumbi” e o teste de palavras estimulando a escrita espontânea.

No momento da contação do livro, na minha vivência com as crianças, elas ficaram sentadas em círculo. De início, escutei o que elas já sabiam sobre Dandara e Zumbi. Algumas crianças disseram que já tinham ouvido falar dessas histórias, mas não lembravam dos acontecimentos. A partir da capa do livro, já foi possível iniciar uma conversa sobre a pele dos personagens

negros, algo que sempre venho a elogiar e falar sobre a importância de que crianças, já no 1º ano, tenham conhecimento de histórias de pessoas negras para que não sejam esquecidas e também para o fortalecimento de suas identidades.

**Figura 1: Realização da contação de história do livro Dandara e Zumbi, realizada com as crianças sentadas no chão, em roda.**



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador (2025)

A partir desse diálogo inicial, as crianças foram falando sobre suas próprias cores de pele, reconhecendo nelas semelhanças com os personagens da história, com falas cheias de carinho e encantamento. Foi um momento bonito de ver: crianças se vendo representadas e nomeando essa descoberta com afeto.

Isso evidencia a importância de trazer o letramento racial alinhado ao processo de alfabetização. Não se trata apenas de aprender a ler palavras, mas de aprender a ler o mundo e a si mesmo com dignidade. Nesse contexto, podemos citar a história da escritora bell hooks, uma mulher negra que, em uma de suas memórias de infância, afirma:

“Nossa mãe, Rosa Bell, era uma mulher tradicional que pensava não ser saudável começar a usar escova elétrica na cabeça de meninas negras pequenas (assim como batom e vestido preto, que poderia ser nossa escolha mais tarde), então ela escovava nosso cabelo ao natural. Escovar e trançar todos aqueles cabelos exigia um dia e um momento especial. Lembrando, antes de dormir, do prazer que sentíamos quando mamãe cuidava de nossos cabelos [...] (hooks, 2020, p. 215).

Assim, podemos destacar que o cuidado com o cabelo, com a pele, com a história, é também um ato de amor e resistência. Assim como a mãe de hooks transformava o ato de pentear os cabelos em um momento especial, a escola pode transformar o ato de contar histórias em um espaço de acolhimento e fortalecimento.

Na sequência, realizei a leitura da história de Dandara e Zumbi onde trouxe a elas a existência de uma mulher e um homem negro fortes e guerreiros que lutaram pelo seu povo, essa representatividade impotantíssima para nossas crianças. A escritora bell hooks (2020) nos ensina que a falta de representação positiva fere. Mas a presença de histórias que nos fortalecem cura. Em seus livros infantis, ela buscou justamente isso: dar às crianças negras imagens de si

mesmas que fossem bonitas, dignas e amorosas. Porque, como ela mesma diz, crianças que são envergonhadas e silenciadas não aprendem a se amar sozinhas. Elas precisam de referências, precisam de histórias, precisam de adultos que lhes digam: "você é importante".

É por isso que contar as trajetórias de Dandara e Zumbi para as crianças objetiva não falar de dor, mas de força; não para fixá-las no passado, mas para mostrar que o passado também nos pertence e nos ensina a lutar por um futuro mais justo.

Em seguida da contação, foi realizado em outro momento a mediação por meio das hipóteses de escritas onde foi utilizada a imagem do quilombo que se tem na história para eles criarem uma frase a partir do que eles visualizam e a escrita de 4 palavras. Estimulando a escrita espontânea das crianças fui ditando as palavras para elas poderem escreverem. Com isso, ajudou meu estudo para ser revelado as hipóteses de escrita.

Na folha recebida pela as crianças as palavras que elas tinham que realizar a escrita era: Liberdade; Dandara; Negros e Paz. A escolha das palavras não foi aleatória. Por exemplo as palavras Dandara e Negros foram propositalmente para que as crianças negras se vissem representadas na história e nos nomes. Como bell hooks nos lembra, ao falar sobre a escrita de livros infantis, é fundamental que crianças negras tenham contato com palavras e imagens que as fortaleçam, em vez de reproduzir estereótipos que as envergonham. Ao escreverem 'Dandara', as crianças não estavam apenas treinando letras; estavam escrevendo um nome de resistência, um nome que também pode ser o delas.

Ao recolher as produções, pude analisar em que hipótese de escrita cada criança se encontrava, conforme a psicogênese da língua escrita. Algumas crianças escreveram de forma silábica alfabética onde por exemplo a criança chamada José já percebeu a possibilidade de segmentação de alguns silabas, na escrita da palavras "NEGROS", ele escreveu "NEGO", havendo o esquecimento apenas na ultima silaba, com as letras "r" e "s". Ao analisar essa produção, pude identificar que ele se encontra no nível silábico-alfabético, conforme definido por Magda Soares (2020, p. 110). Isso porque sua escrita alterna entre silábica e alfabética: ele representa corretamente a primeira sílaba "NE", mas, na segunda sílaba "GROS", registra apenas parte dos sons "GO", demonstrando que já percebe a necessidade de segmentar, mas ainda não domina a sílaba complexa. É exatamente o que a autora descreve como uma criança em transição entre as hipóteses. Nessa perspectiva, Soares (2020, p. 11)) esclarece que:

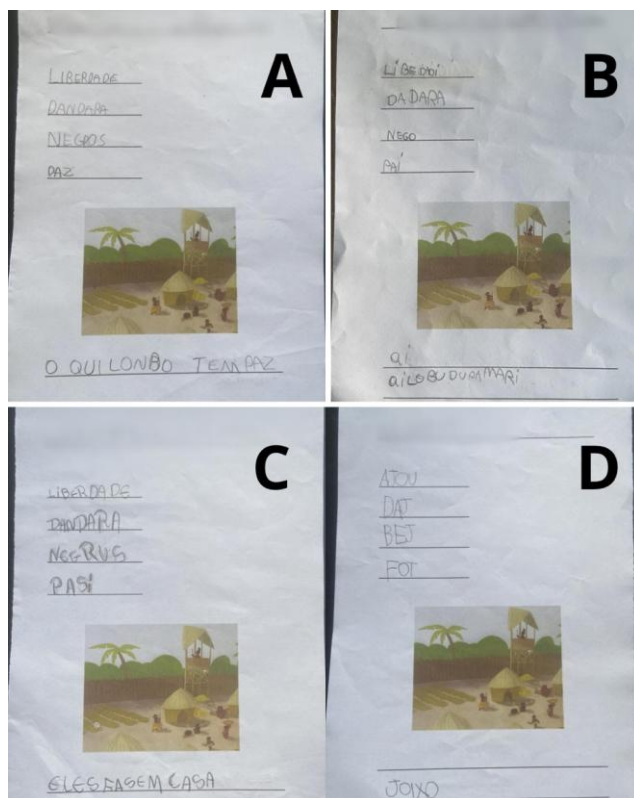
"Quando as crianças atingem a escrita silábico-alfabética, elas revelam já ter compreendido que a sílaba é composta de mais de um som, e identificam alguns desses sons e as letras que os representam. Muitas já reconhecem que há nas sílabas sons que não registraram, mas não sabem ainda como representá-los."

Já algumas crianças, que ainda estão na fase pré-silábica, produziram sequências de letras sem correspondência sonora, mas já demonstrando compreender que se escreve com letras. Por exemplo do Miguel, onde nas escritas das palavras foi: "AJOU; DAJ; BEJ e FOT". Assim mostrando que ainda não teve a capacidade de perceber, na sílaba, sons individuais (fonemas) representados pelas letras. Soares (2020) argumenta que para a criança avançar para a fase silábica com valor sonoro é necessário atividades como jogos lúdicos de literação e rima, com palavras retiradas de parlendas, poemas ou histórias.

Ao analisar as frases que as crianças, na fase alfabética, produziram a partir da imagem do quilombo, percebi o quanto a história havia sido significativa. Uma criança escreveu “KILOBO DO NEGROS”. Outra escreveu “O QUILONBO TEM PAZ”. Outra registrou “ELES ESTÃO TRABALHANDO MUITOS E ANDANDO”.

Essas produções revelam que, para além da decodificação das palavras, as crianças estavam atribuindo sentido ao que escreviam. Elas não estavam apenas copiando ou treinando letras soltas: estavam contando, com suas hipóteses de escrita, o que compreenderam sobre a história de Dandara e Zumbi. Isso é o que Magda Soares chama de alfabetizar letrando: ensinar o sistema de escrita a partir de textos e contextos que fazem sentido para a criança."

**Figura 2: Registro das hipóteses de escrita decorrentes da contação de história. (A) Escrita da criança em hipótese alfabética; (B) Escrita alfabética; ( C ) Escrita alfabética: (D) Escrita Pré-silábica.**



Fonte: Acervo pessoal do pesquisador (2025)

No início das medições, apresentei dificuldade em compreender as diferenças entre as fases, pois em alguns momentos fiquei em dúvida e achava os conceitos parecidos. No entanto, ao longo dos estudos, fui realizando leituras da obra *Alfabetizar*, de Magda Soares, o que foi muito importante para que eu pudesse entender as diferenças relacionadas ao ritmo de desenvolvimento e às facilidades ou dificuldades de aprendizagem de cada criança. Isso se torna compreensível, por estar iniciando nesse trabalho de avaliação, e também porque é comum que crianças se encontrem simultaneamente em mais de uma fase. Soares (2020) afirma que crianças

escrevem algumas palavras silabicamente com valor sonoro, outras sem valor sonoro, e em outros momentos são silábico-alfabéticas, etc.

A turma do 1º ano, com a qual realizei esta pesquisa, foi a que acompanhei ao longo do ano no dia a dia da sala de aula, por meio de regências. Essa interação com as crianças, a partir da contação de histórias e da observação das hipóteses de escrita, foi bastante positiva para os resultados, pois pudemos perceber o reflexo do trabalho desenvolvido ao longo dos meses, que contribuiu para que cada criança avançasse em seus níveis de escrita. Foi possível fazer um diagnóstico desses avanços, nos quais observamos uma diversidade de crianças em diferentes hipóteses, mas com um grupo maior já se encontrando na fase alfabética, e outros grupos nas fases pré-silábica e silábico-alfabética.

Essa experiência de acompanhamento e diagnóstico não apenas me permitiu perceber os avanços das crianças em suas hipóteses de escrita, mas também me fez refletir sobre o meu próprio papel como educador em formação. Compreendi que ensinar não se resume a transferir conhecimentos ou a classificar os alunos em níveis, mas sim a criar condições para que eles se assumam como sujeitos do seu próprio processo de aprendizagem. Nesse sentido, as palavras de Paulo Freire (1996, p. 21) ressoam profundamente com o que vivenciei em sala de aula:

"Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho — a de ensinar e não a de transferir conhecimento."

Foi justamente essa abertura ao diálogo e à curiosidade das crianças, aliada à escuta atenta de suas hipóteses, que tornou possível um diagnóstico mais humano e significativo, onde o avanço de cada uma foi respeitado em seu tempo e singularidade.

Esse processo de acompanhamento e diagnóstico não apenas me permitiu compreender as diferentes hipóteses de escrita das crianças, mas também me fez refletir sobre o meu próprio lugar como futuro professor da rede pública. Sei que a docência em escolas públicas brasileiras é marcada por desafios concretos: salas numerosas, estrutura nem sempre adequada, diversidade de realidades sociais, mas também por imensas possibilidades de transformação. Nesse sentido, as palavras de Nono (2011, p. 21) ressoam com o que tenho vivenciado em minha formação:

"Tais trabalhos apontam que, assim que começam a lecionar, os novos professores iniciam uma revisão de suas atividades e ideais, na tentativa de adaptá-los à dura realidade da sala de aula, marcada por uma série de limitações que atuam diretamente sobre seu trabalho, dentre as quais, a falta de recursos materiais e as condições adequadas de trabalho, o aumento da violência nas instituições escolares, o acúmulo de exigências."

É justamente essa consciência dos desafios aliada à compreensão de que a realidade escolar raramente corresponde aos ideais da formação que me move a pensar a docência não como uma tarefa técnica, mas como um compromisso ético e político com as crianças e jovens da escola pública.

Todas essas análises para meu estudo foi fundamental para estar nesse processo de entender a psicogênese da língua escrita, algo que só visualizava na teoria na faculdade, conseguindo agora viver e experienciar no PIBID. Analisar as escritas das crianças foi de grande riqueza de conhecimento. De acordo com NONO (2011, p. 20), os conhecimentos profissionais envolvem não apenas aspectos técnicos, mas também dimensões pessoais, sociais, culturais e políticas, o que evidencia a importância da vivência prática na formação docente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa evidenciou a relevância do letramento racial articulado à alfabetização por meio da mediação das hipóteses de escrita, como forma de educar com significado e de maneira contextualizada, contribuindo também para o fortalecimento da identidade das crianças. Trabalhar com as figuras de Dandara e Zumbi na contação de história despertou nelas sentimentos de pertencimento, valorização da própria identidade e reconhecimento de si nas narrativas.

As análises das fases de escrita: pré-silábica, silábica e alfabética proporcionaram reflexões fundamentais para mim, enquanto futuro alfabetizador, acerca dos processos de aprendizagem e da importância de uma prática pedagógica atenta às hipóteses que as crianças constroem sobre a escrita. Cada produção, como o "NEGO" para "NEGROS" ou o "DADA" para "DANDARA", revelou não apenas um estágio de conceitualização, mas também o esforço da criança em compreender um sistema complexo e, ao mesmo tempo, em se fazer presente na história que estava sendo contada.

Essa experiência como bolsista me mostrou que o professor não nasce pronto, mas se constitui na relação com os alunos, com os desafios da sala de aula e com as teorias que iluminam a prática. Ao analisar as escritas espontâneas, compreendi que cada criança apresenta níveis diferentes de aprendizagem e que, por meio das minhas análises e estudos, é possível realizar atividades que as ajudem a avançar nesses níveis.

Dessa forma, conclui-se que a partir das mediações das hipóteses de escrita das crianças não foi apenas um exercício acadêmico, mas a confirmação de que educar é um ato de aposta no futuro. Como bem sintetiza Freire (1996, p. 30), 'Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por exigência ontológica'. É essa esperança crítica que me move a seguir na profissão, ciente das dificuldades, mas convicto da possibilidade de fazer a diferença como educador-alfabetizador das crianças.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio institucional e pelo fomento concedido por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que possibilitaram o desenvolvimento deste trabalho. A atuação junto ao PIBID proporcionou uma formação docente marcada pelo diálogo entre teoria e prática, contribuindo significativamente para a consolidação de uma postura crítica, reflexiva e comprometida com a educação pública de qualidade.

Expresso também minha profunda gratidão à supervisora Venythyais pelo o acompanhamento e discussões sobre a análise da pesquisa desenvolvida. Juntamente à escola parceira e às crianças participantes deste estudo, que acolheram com entusiasmo as atividades propostas e compartilharam suas experiências de forma generosa e inspiradora. A colaboração e o envolvimento de todos foram essenciais para a realização desta pesquisa, que se sustenta no respeito, na escuta e na construção coletiva do conhecimento.

## **REFÊRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**FREIRE**, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

**HOOKS**, bell. Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática. Tradução: Bhuvi Libânio. São Paulo: Elefante, 2020.

**MINAYO**, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**. Indicador nacional de alfabetização avança e atinge 59,2% em 2024. Brasília, DF: MEC. 14 de jul. de 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/acompanhe-a-secom/noticias/2025/07/indicador-alfabetizacao-avanca-e-atinge-59-2-em-2024>

**MORAIS**, Artur Gomes de. Sistema de escrita alfabética. São Paulo: Melhoramentos, 2012. (Coleção Como eu ensino).

**NONO**, Maévi Anabel. Professores iniciantes: o papel da escola em sua formação. Porto Alegre: Mediação, 2011.

**SOARES**, Magda. Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever. 1. ed. 6. reimpr. São Paulo: Contexto, 2023.